

A COMPAIXÃO

I

Naturalmente, ouviam-se os cavalos, disse a estalajadeira. Não ligasse. Misturava o seu cuspo ao fim da frase, como quem a dissesse a contragosto, mas o desastre do relâmpago desceu, adoecendo ainda mais a casa, e aquelas palavras, como o resto, resplandeceram um instante no azul para morrerem sem a mínima importância. Atravessadas pelo eco do trovão, as paredes perderam equilíbrio e ninguém saberia dizer se aquele gemido vinha de um mar de que as madeiras se lembrassem ou se do geral susto das pessoas subitamente acometidas pelo escuro. Certo é que a duração daquele pavor não se mediu pelo tempo dos relógios que nem trinta segundos marcariam. Para as gentes pareceu que se afogavam, tocando o fundo de um desfiladeiro com cuja força de atração não competiam, e que essa luta a conheciam já da lentidão lunar dos pesadelos.

Foi a estalajadeira quem primeiro surgiu à tona da paralisia, menos preocupada com os hóspedes do que com o cheiro a fumos e a enxofre que lhe chegava pela chaminé. Correu a buscar fósforos, já alguém fora empurrado nos degraus. Braços e gritos electrificavam ainda mais os ares sensíveis do vestíbulo. Os raios revelavam pequenos trechos lívidos, bocas, cabelos em fulgurações. As bicadas da chuva fatalmente acabariam por abrir buracos, previu alguém, mas antes disso que um incêndio. Um homem que tremia, segurando uma lanternazinha de chaveiro, foi lentamente, como quem pen-

sasse, examinar alguma coisa atrás da porta. Era um antigo quadro de fusíveis, um puro descaramento, comentou. Estava fora da lei, aquela casa. «Es una casa de frontera, num tem pátria», disse a estalajadeira, abespinhada. «Escapa a Espanha e escapa a Portugal.»

«Hoje a lei é a mesma em toda a parte. Não tem concerto», concluiu o homem, sem duvidar de que o entenderiam.

Há, no meio desta gente, uma mulher que acabara somente de chegar, a quem não fora ainda dado um quarto, ou sequer uma ceia, apenas esse aviso singular sobre os cavalos de que ela nunca mais se recordou, nem sequer quando os viu na madrugada. É sobre essa mulher que precisamos de saber muita coisa, nome, idade, estado civil, vergonhas, pensamentos, e até, se for possível, aquilo que ela de si própria não sabe, como quem tivesse acesso à sua obscuridade. Daremos esse passo que nos cria um breve instante de estranheza, ao empurrarmos a sua resistência. Requer, mais que vontade, desespero, o impulso para vencer a força elástica com que uma mulher jovem nos repele por mero instinto, sacudindo-nos de si.

Armada apenas de uma vela numa taça, Regina Soveral subiu ao quarto, guiada, em cólera, pela estalajadeira. Explicara ela que aquele hóspede, o que tremia e se dissera electricista, é que mexera imprópriamente no circuito. «Há tanta trovoada nesta zona», clamava, «e sempre fiz voltar a luz.» E também ela, muito transtornada, falhava no riscar do fósforo, fizera cair ao chão gavetas na cozinha. Regina, exausta, tinha esperado nos degraus. Sentada ao lado dela, uma mulher cujas madeixas ruivas apanhavam toda a claridade disponível, ouvia a chuva com consolação, vaticinando que a Picota ainda iria largar fogo à casa nessa noite.

«Foi operada à perna, ela. Era coxa. Mas ficou com maneiras de coxa. Parte tudo», explicou. Regina viu como os seus olhos a buscavam, querendo empurrá-la para dentro da conversa. E levantou-se antes que as grandes coxas da faladora se arrumassem contra si. Disse à Picota que a iluminasse com um coto de vela, que servia fosse o que fosse, que lhe desse o quarto.

«Mas ninguém vai dormir em condições», disse a Picota. «Faz-se um chá. Converse.»

«Durmo eu», disse Regina Soveral, e agarrou no saco de viagem.

Nem estava tudo pronto. «Não está pronto», disse a estalajadeira, que a senhora tinha aparecido assim vinda do nada, como uma

folha ao deus-dará, do temporal. Dali lavava as suas mãos, zás, zás, e, entrando à frente de Regina, esmurrou com certo alívio as almo-fadas.

«Es que no puedo darle más bujías», disse. Usava outra língua para afastar-se com maior rapidez, enquanto o corpo se dirigia aos tropeções para a porta.

Quem poderia adormecer naquela cama de onde subia um cheiro a outras carnes e a outros cabelos, empapado numa manta de lã de cujo toque parecia vir-lhe um óleo para as mãos? Pelo que a luz da vela lhe mostrava, os lençóis de flanela ainda mantinham pregas deixadas por um peso e um calor. Pousou a taça com a vela sobre a mesa de cabeceira onde ficara um copo. O estrondear da chuva amortecera e ela pensou que havia de descer e seguir, conduzindo para Lisboa. Pensou, mas de algum modo o pensamento se bastou a si mesmo, sem que houvesse qualquer necessidade de o cumprir.

O quarto nem seria talvez desagradável com luz normalizada e algum asseio. Tinha ao fundo um roupeiro com um espelho cujo mercúrio havia muito rebentara e o enchera de pústulas doiradas. Regina avistou nele uma mulher tão dissipada como um ectoplasma e devorada pelas mesmas feridas. Tremia essa mulher, de medo e frio, sem que a própria Regina estremecesse. Havia ainda a cómoda, algum tanto emperrada no encaixe das gavetas, e, junto da janela, uma mesinha de jogo revestida de camurça que se deduziria de cor verde, embora a chama não tivesse força para arrancar das coisas senão tons mortiços de castanho e de cinzento.

Regina fez a ronda, achou cabides, uma almofada mais e um cobertor, e depois nada, apenas uma insónia disposta a distorcer aquela noite até que os seus limites se tornassem inatingíveis pelo tempo humano. A vela estralejou, deu um suspiro de animal, como avisando sobre aquelas lágrimas em que continuava a desfazer-se. Era preciso achar uma recarga, pensou Regina, e logo se sorriu, supondo o termo pouco adequado. Quis agarrar na taça, mas o vidro, tomado de calor, quase a queimou. Rodou a maçaneta da porta, segurou-a enquanto a foi puxando para si, e levou algum tempo a perceber que ela estava fechada do exterior.

Tremia, sim, e não por obra dos ajustes que a chama impunha às sombras e aos reflexos. Tremia de surpresa e de pavor. Sentou-se

aos pés da cama, procurando tomar consciência da respiração que disparara como se servisse um corpo em fuga de alta velocidade. O ribombar do coração parecia ouvir-se sobre o tumulto já longínquo dos trovões. Esperarei, disse ela, esperarei até que volte a minha inteligência. Porém o quarto, a escuridão e o medo estavam-lhe cravados na garganta, ela sentia aquela mão de ferro que lhe doía e a impedia de pensar. Tomara apenas a primeira decisão, a de que não iria pôr-se aos gritos, sujeitar-se aos sorrisos de troça com que os outros, a Picota à cabeça, acudiriam. Porque o fecho da porta poderia ter descaído, ou encravado, de velhice, faltar-lhe-ia um pouco de óleo onde correr. Pois ninguém, em lugar algum do mundo, aprisionava uma mulher numa pensão. Ainda às vezes apareciam casos, justamente em trajectos de fronteira, de raparigas que eram sequestradas e obrigadas a prostituírem-se. Mas nessas raparigas existia à partida uma espécie de destino, uma armadilha para os sentimentos que as abocanha e as puxa para a lama. Eram pobres e andavam aos círculos, por dentro de um muro que sempre as ia confinar. Estava a Picota a projectar vendê-la para o harém de algum magnate do petróleo?, disse. E sorriu, pois precisava de sorrir, ainda que a vela perdesse altura assustadoramente e o pânico parecesse razoável.

Bateu à porta com suavidade mas ninguém respondeu e, de algum modo, ela sabia que ia ser assim. Passara muito tempo e talvez todos estivessem nos seus quartos a dormir. Abanou com mais força, ao pensamento de que a casa de banho se encontrava algures no corredor. Depois lembrou-se do uso do bacio e encontrou-o tal como o vira na mesinha da avó, reconheceu o som e o cheiro, não o peso, porque era uma memória de criança. Serviu-se dele, envergonhada, constatando como a urina se tornara ácida e grossa, por efeito da química do medo. E receou que o líquido a bater contra o fundo de loiça ressoasse na casa toda, como o rufo de um tambor que a expusesse aos olhos dos passantes.

A questão era, murmurou para serenar, esperar que chegasse a madrugada, para o que faltariam umas horas e entretanto, vestida, dormir. Podia sempre usar o telefone se se sentisse em perigo, a não ser que ele não trabalhasse naquele fim de mundo. Foi tirá-lo do saco e viu que tinha cobertura suficiente para chamar qualquer serviço de emergência. Marcava as três e um quarto da manhã e

Regina beijou-o, já a vela se consumira inteiramente, após o breve sobressalto de um adeus.

Tacteu, encontrando a mesinha de jogo, na direcção da vaga zona de leveza que marcava o recorte da janela. Abriu os vidros, empurrou as persianas e só por isso ficou com os braços encharcados. A noite percebia-se primeiro como uma coisa que roçava a pele, um grande corpo impaciente que corria direito a si e nesse impulso a empurrava, um cão, um belo touro humedecido. Recuperou o equilíbrio, sufocada pelo excesso do ar, e, debruçando-se, avistou a luz que a chuva tinha dentro, uma luz viva, que dançava nas gotas e parecia buscar a morte ao rebentar contra as paredes. Regina quis estudar o espaço em volta, avaliar da sensatez de um salto. Mas a noite, na sua turbulência, tanto a cegava e a entontecia que receou ser arrastada pelo vento e arremessada contra um vale de pedras. Os longínquos relâmpagos confundiam ainda mais os olhos, projectando-os sobre uma inalcançável vastidão.

Ao fechar a janela, sem prender as tábuas das persianas que batiam, Regina conseguiu trazer para o quarto alguma luz da chuva, mas também um poder de água de que não se dera conta.

A mesa, o chão, a sua própria roupa, escorriam densos fios uns sobre os outros. «Eis afinal o perigo desta noite, é apanhar alguma pneumonia», pensou Regina, tranquilizada. Foi ao armário pelo cobertor que lhe tinha parecido volumoso e pegou-lhe, atirando as mãos para a escuridão. Porém ele estava preso em qualquer sítio, talvez nalguma falha da madeira, e o que ela supusera um gesto simples desafiava-lhe a vontade e a força. Desistiu de puxar, correu a borda com a ponta dos dedos, debruçada, ajoelhada contra o fundo do armário, até que o som da tábua que partia e a dor na mão anunciaram o encontro entre inimigos, o que resistia e o que conquistava, tábua e mão. Regina, enfurecida, retirou todo o volume de sacão. Despiu-se e enrolou-se nessa lã que a aceitou como uma cria. Ador-meceu.

Não foi um sono bom, porém serviu para que o tempo da noite, tão difícil de fazer deslizar, tão pegajoso, vendo-a dormir, acelerasse um pouco mais. Sob o calor da manta que a prendia toda dentro de si como um casulo, Regina transpirara e conhecera cenas de leve ameaça, bosques, rios que ardiavam eles próprios numa febre e cuja dor ela tocava com as mãos.